



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9092 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A PEDAGOGIA DA JUVENTUDE: FORMA E CONTEÚDO DAS LUTAS JUVENIS NA ERA DA OFENSIVA NEOLIBERALISTA

Andréa Wahlbrink Padilha da Silva - PPGEDU/UFRGS

Conceição Paludo - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

A PEDAGOGIA DA JUVENTUDE: FORMA E CONTEÚDO DAS LUTAS JUVENIS NA ERA DA OFENSIVA NEOLIBERALISTA

Resumo: O objetivo central desta pesquisa é o de analisar a forma e o conteúdo que compõem as lutas sociais travadas, pela juventude, na resistência ao neoliberalismo no Brasil, buscando compreender que pedagogia se forja nesses processos. O referencial teórico metodológico é o materialismo histórico dialético e a empiria consiste na análise das seguintes organizações juvenis: União da Juventude Comunista, União da Juventude Socialista, Levante Popular da Juventude e Juntos. Parte-se do entendimento de que os jovens que buscam organizar-se, em um coletivo político, encontram nesses espaços uma possibilidade importante de formação humana, um espaço de referência, de construção de autonomia, de poder se entender como sujeito ativo e propositivo da organização da vida social. As conclusões parciais evidenciam que a juventude é protagonista e não somente reproduz pautas e ações difusas ou efêmeras, desarticuladas do conjunto das lutas sociais.

Palavras-chaves: organização da juventude, pedagogia e neoliberalismo

A necessidade de estudar a pedagogia da juventude^[1] se expressa no movimento histórico atual, no qual a juventude protagoniza importantes lutas por direitos; assim como, na formação social brasileira, visto que a organização da juventude em coletivos políticos está imbrincada na organização da esquerda brasileira. O nascimento de organizações políticas do campo progressista constituíram as primeiras organizações da juventude e, na atualidade, ainda tem papel central em muitas das organizações juvenis, em todo o Brasil.

Essas organizações cumprem um importante papel na formação da juventude, na constituição da sua sociabilidade, porque a sua práxis caminha com os próprios desafios traçados pela organização política do país, em momentos de ação/reflexão mais profundas ou superficiais, com recuos e avanços. Acredita-se, portanto, que a ação juvenil deve ser analisada com a rigorosidade que merece, enquanto uma ação dirigida e dirigente de formulações teóricas e práticas que ocorrem no tecido social.

Muito são os momentos históricos, que reconhecemos sua potencialidade organizativa e de participação ativa, entre eles podemos destacar alguns, como a Ditadura Civil Militar (1964 - 1984), as Diretas Já[2], os Caras Pintadas[3], 10% do PIB para a Educação[4], As Jornadas de 2013[5], o Movimentos dos Ocupas[6], o #EleNão[7]. E no atual momento a jornada de luta “A juventude quer Vida, Pão, Vacina e Educação” [8]. Iniciamos esta reflexão sobre a atualidade da organização da juventude, destacando sua presença marcante em diferentes processos de resistências e anúncios, que trazem indicativos importantes para a análise, na direção de compreender qual a forma e o conteúdo de sua participação e construção social.

Observa-se, assim, a necessidade de compreender o papel da juventude que se organiza e toma a frente das questões que envolvem os rumos da política no Brasil e da própria totalidade da América Latina. A juventude que se organiza em coletivos, sejam eles, partidos políticos, frentes sindicais, movimentos sociais, associações de bairros, grupos culturais, movimentos LGBTQI+, movimento negro, movimento de mulheres, entre outros, representam um potencial na luta de classe e que merecem um olhar analítico.

O movimento da juventude também se encontra, muitas vezes, condicionado pela falta de sua memória coletiva (MENEGOZZO, 2017). A transitoriedade, renovação e brevidade com que os sujeitos atuam nos coletivos juvenis representam características da sua ação, que por vezes dificultam as estratégias mais gerais de sua unidade na ação, mas que, por outro lado, não se constituem como sujeitos já determinados por uma condição política prévia ou pelo comprimento de alguma regra estabelecida, evidenciando seu potencial renovador.

Nesta perspectiva, de entender os caminhos da juventude, é importante traçar os percursos que, a mesma, percorreu ao longo da história, em sua construção social, geracional e cultural. Uma vez que, segundo Mannheim (1968), a juventude sempre correspondeu a uma reserva vital da sociedade, o que ele chamou de um acúmulo energético, físico e mental nas devidas transformações das sociedades.

Dado esse potencial de reserva vital de renovação, o trabalho de pesquisa, que vem sendo desenvolvido pela tese, tem o compromisso de trazer à tona os elementos que constituem a atualidade desse debate. Segundo Antunes (2013), as organizações das massas passam por um processo de transformação, um período que demonstra “Lutas que têm um conteúdo por certo hidrogênio, polissêmica, mas que também expressam claras conexões entre os temas do trabalho, da precarização, do desemprego, aflorando as ricas transversalidades existentes entre classes, gênero, geração e etnias, temas que são centrais nestas lutas.” (ANTUNES, 2013, p. 40).

O desemprego estrutural, o trabalho precarizado, terceirizado, o desmonte da educação pública, da saúde, dos direitos humanos, do direito a cidade, as denúncias contra o feminicídio, o extermínio da juventude negra, a negação dos padrões socialmente consolidados como é o caso da família tradicional, da heteronormatividade, a liberdade sexual, o respeito às diferenças, a horizontalidade das relações, esses são alguns dos princípios que empurram a juventude para as ruas. Segundo Antunes (2013), a juventude atualmente vem construindo novas forças e demandando da sociedade um olhar atento para o que anunciam.

É essa juventude que denuncia a atual organização da vida, que se organiza e ocupa[9] o espaço público, que denuncia nas ruas o caos social que se vive e que aponta mudanças no cenário das lutas sociais, quem também (re)constrói novas formas e conteúdo da organicidade das lutas populares, em um movimento de construção de processos educativos que inspiram a totalidade dos sujeitos das lutas sociais.

Sintetizando, pode-se dizer que a hipótese deste trabalho é sustentada a partir da identificação da importância histórica que a organização da juventude exerce no movimento de massa, principalmente a partir da reconfiguração da ofensiva neoliberalista, que provoca mudanças no cenário das lutas sociais e no papel das organizações de base popular no Brasil, sendo assim formulada: A juventude organizada, como parte importante da renovação política, constitui-se como um dos segmentos que propõem táticas e estratégias para o campo popular, encontrando-se desafiada a construir a sua pedagogia das lutas sociais, na construção dos processos de luta que protagoniza.

A hipótese levantada questiona a atualidade da condição de vida, objetiva e subjetiva, nas cidades. A juventude se configura como um dos segmentos sociais que mais sofrem com a falta de perspectiva, de trabalho, de educação, de condições de moradia, de lazer, o que nos provoca a questionar o afloramento dos movimentos de massa, mas também a crescente construção de organizações de juventude que pautam as suas necessidades. Por este motivo é urgente compreender o papel da organização da juventude, os elementos que constituem sua forma de organicidade e o conteúdo de suas lutas sociais. A pedagogia da juventude, proposta por este trabalho, é entendida como o conjunto dos elementos teóricos, práticos, políticos e organizativos que compõem o fazer político e pedagógico da ação juvenil no campo que integra.

O objetivo central desta pesquisa é o de analisar a forma e o conteúdo que compõe as lutas sociais travadas, pela juventude, na resistência ao neoliberalismo no Brasil, buscando compreender que pedagogia se forja nesses processos.

Este trabalho se vincula ao materialismo histórico e dialético, fundamento teórico e metodológico, enquanto, método marxista de compreensão da realidade (MARX, 2015; KOSIK, 1976). O movimento é o de buscar na realidade social os fundamentos, as contradições, a historicidade, as relações entre parte e totalidade e as múltiplas dimensões do fenômeno em estudo.

Para a apreensão do que se pretende, concretamente, estamos analisando as seguintes organizações da juventude: União da Juventude Comunista, União da Juventude Socialista, Levante Popular da Juventude e Juntos. O trabalho de levantamento de dados e análise, parte da revisão de literatura, análise de documentos e entrevistas semiestruturadas, ainda em processo.

Como parte das análises que vem sendo formuladas neste trabalho de tese, podemos destacar que a juventude é protagonista e não somente reproduz pautas e ações difusas ou efêmeras, desarticuladas do conjunto das lutas sociais. Porém, a pesquisa demonstra que há uma falta ou pouco espaço da participação democrática da juventude na tomada de decisões e nos caminhos traçados pelas organizações políticas consolidadas (partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais), o que a distancia da participação nestes espaços ou ainda inviabiliza seu potencial renovador. Este fato está alicerçado, principalmente, no crescente número de organizações juvenis denominadas autônomas, que buscam em sua construção uma vinculação muito mais de caráter plural e desburocratizada.

Também, como parte também dos resultados das análises parciais, pode-se dizer que as organizações políticas da juventude desenvolvem um conjunto de formulações que constituem a teoria da sua organização política e a prática da ação social e que renovam e inovam na pedagogia que sustenta esses mesmos processos. É exatamente na explicitação desses aspectos que a pesquisa se encontra. E na luta concreta, e no estudo/reflexão sobre o processo, que se forja uma pedagogia das lutas da juventude no Brasil e na América Latina, que demanda a construção de uma consciência ‘em si e para si’, mas que ainda encontra limites em uma definição estratégica, programática e teórica, para uma nova articulação organizativa

e representativa dos anseios de transformação e rupturas. Se, por um lado, a pesquisa em curso evidencia esta realidade, não podemos desconsiderar que, mesmo com toda a adversidade, a luta por mudanças pulsa no interior das suas organizações.

Referencias

ANTUNES, Ricardo. As rebeliões de junho de 2013. In: GENTILI, Pablo. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, OSA- Observatorio Social de América Latina. Año XIV N° 34 / publicación semestral. Noviembre de 2013.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. 3ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, Sulamita de. Sociologia da Juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 69-94. (texto original de Mannheim: 1943).

MENEGOZZO, Carlos Henrique. Juventude e Política: Ensaio e entrevistas. 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2017.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 5/6,1997.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. 1. Reedição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

[1] Consideramos a juventude como condição social, ao mesmo tempo, um tipo de representação, que respeita suas particularidades sociais e que se unificam em uma determinada forma de reprodução da sua sociabilidade. (PERALVA, 1997)

[2] Diretas Já foi um movimento produzido pelo fim da ditadura Civil Militar, que ocorreu no Brasil, de reivindicação por eleições presidenciais diretas, ocorrido entre 1983 e 1984.

[3] Uma importante colaboração da juventude ficou representada no movimento dos Caras-pintadas, que representou o movimento estudantil brasileiro ocorrido em 1992, como resposta aos esquemas de corrupção envolvendo o presidente da república, na época, Fernando Collor de Mello. O movimento tinha como objetivo principal o **Impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo**. Recebeu esse nome, pois os jovens saíram às ruas com as caras pintadas pelas cores da bandeira do país. Disponível em: [>. Acesso em: maio. 2021.](#)

[4] Realização da campanha nacional para a garantia inédita de aplicação de 10% do Produto Interno Bruto (PIB) no setor. Além da destinação de 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social do Pré-Sal para a educação.

[5] As Jornadas de Junho de 2013, foram uma série de mobilizações de massa ocorridas simultaneamente em mais de 500 cidades do Brasil. Os protestos tiveram início com a denuncia do aumento as passagens do transporte urbano, e exigiam a tarifa zero, O movimento que foi protagonizado pela ação da juventude, foi sendo gradativamente ampliado, chegando ter apoio de 80% da sociedade civil.

[6]O movimento que ficou conhecido como a primavera secundarista dá início a um conjunto de reivindicações e ocupações que começam em 2015 e se espalham em 2016, correspondem

a uma série de manifestações e ocupações de escolas secundárias (mais de mil escolas) e universidades brasileiras que se intensificaram durante o segundo semestre de 2016. As mobilizações foram realizadas por estudantes secundaristas e universitários em diversos estados do Brasil. Os estudantes protestaram contra os projetos de lei da "PEC do teto de gastos" a PEC 241 projeto "Escola sem Partido", o PL 44 e da medida provisória do Novo Ensino Médio.

[7] O movimento que ficou conhecido como #EleNão representa as manifestações populares lideradas por mulheres que ocorreram em diversas regiões do Brasil e do mundo, tendo como principal objetivo protestar contra a candidatura à presidência da República do deputado federal Jair Bolsonaro. As manifestações ocorreram no dia 29 de setembro de 2018 e se tornaram o maior protesto já realizado por mulheres no Brasil e a maior concentração popular durante a campanha da eleição presidencial no Brasil em 2018.

[8] Entidades estudantis, ligadas a UNE, lançaram a Jornada de Lutas da Juventude e chamam a atenção para quatro pontos fundamentais para enfrentar a crise: vida, pão, vacina e educação. Diante do um ano da pandemia de covid-19, os jovens alertam para o aumento da desigualdade, os retrocessos educacionais e a omissão do governo de Jair Bolsonaro.

[9] Se faz necessário, neste ponto, destacar que no atual momento histórico as organizações de juventude, e o conjunto das organizações progressistas, encontram-se com suas ações limitadas. A chegada do Covid 19, em uma pandemia de escala mundial, e a necessidade do isolamento social, reforçam as ações da juventude nas redes sociais e em ações muito pontuais e estratégicas. Previamente o que percebemos é de que mesmo com todos os condicionamentos impostos, a juventude corresponde uma vanguarda de mobilização e articulação, com as ferramentas possíveis, para o momento vivido.